

**TRANSTEJO  
ASSEGURA EM JUNHO  
TRAVESSIA  
BARREIRO/SEIXAL** Pág. 6



**GOVERNO PROMETE  
ARRANCA  
OBRAS PÚBLICAS  
JÁ EM 2027** Pág. 6



**SANTIAGRO  
TEM ESTE ANO  
MAIOR ORÇAMENTO  
DE SEMPRE** Pág. 8



**+ Região**

Diretor  
**Raul Tavares**

Semanário  
Região de Setúbal

Edição n.º 1343  
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O  
**Expresso**

Sexta-feira  
**8 maio**  
**2026**  
0,50

# semmais

**PRAIAS DA REGIÃO DE QUALIDADE**

## VERÃO DE OURO SOBRE AZUL



As zonas balneares do distrito vão hastear este verão 35 bandeiras azuis e 44 de ouro, números que refletem a qualidade das nossas águas, dos serviços e da segurança.

**Pág. 4**



## GOVERNO GARANTE MERCADO ABASTECEDOR EM VILA AMÉLIA

O projeto esteve suspenso devido ao impasse da definição da terceira ponte, novo aeroporto e alta velocidade. O empreendimento deverá rondar os cem milhões de euros e pode arrancar ainda este ano no concelho de Palmela. **Pág. 10**

## VITÓRIA FUTEBOL CLUBE SOBE AOS NACIONAIS

**Pág. 11**



## SETÚBAL INICIA ÉPOCA DA SARDINHA SEM BARCOS

Não há uma única traineira sediada na lota de Setúbal. A frota resume-se às de Sines e, sobretudo, às de Sesimbra. Custo do combustível e baixos preços pagos nas lotas explicam o declínio.

**Pág. 2**

## AMBIENTALISTAS DIZEM 'NÃO' À PEDREIRA DO GALO

Em causa está a possível expansão da Pedreira do Ribeiro do Cavallo, em Sesimbra. O parecer negativo já foi subscrito por seis entidades ligadas à defesa ambiental e da biodiversidade.

**Pág. 5**

## SINES INVESTE NA RODOVIA COM A CABEÇA NOS COMBOIOS

Obra no terminal rodoviário e requalificação urbana está orçada em quatro milhões de euros e visa, a médio prazo, a reabertura da estação ferroviária encerrada em 1990.

**Pág. 8**

## MONTIJO PREPARA OPERAÇÃO PARA RENOVAR CENTRO HISTÓRICO

A proposta já foi aprovada e será celebrado protocolo para reabilitação do casario ribeirinho. Município espera que rendas acessíveis possam vir a atrair novos moradores.

**Pág. 8**

CUSTO DO COMBUSTÍVEL E BAIXOS PREÇOS PAGOS NAS LOTAS EXPLICAM DECLÍNIO

# Setúbal inicia época da sardinha sem uma só traineira



A frota resume-se agora às embarcações de Sines e, sobretudo, Sesimbra. A maior parte do pescado capturado será a cavala, que se destina ao mercado espanhol onde será transformada em ração para engordar atuns criados em cativeiro.

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO

**A ÉPOCA DA PESCA** da sardinha abriu na segunda-feira e, desta feita, com uma grande e preocupante notícia para a cidade de Setúbal: Sem uma única traineira sediada na capital de distrito. Um sinal dos tempos, que os pescadores dizem ser de incerteza, sobretudo porque todos os custos estão a

crescer e, também, porque nas lotas o preço do pescado vendido continua estagnado.

A “Mãe de Jesus”, traineira que até ao ano passado ainda acostava a Setúbal, já foi vendida para o Algarve. Era a última das embarcações vocacionada para a pesca da sardinha. “Os custos de manutenção das em-

barcações são cada vez maiores. Uma traineira pode levar 10 ou 12 pescadores e, naturalmente, todos têm de receber. O problema mais sério é o custo do combustível. Uma traineira pode levar 10 mil litros de combustível e pode gastar 70 a 100 litros por hora. É uma despesa imensa e que nem sempre é compensada com a quantidade de peixe pescado. Na lota um quilo de sardinha até pode chegar aos dois euros, mas isso é muito menos do que é pago nos restaurantes. Os pescadores são sempre os que menos ganham”, diz ao Semmais Manuel Cardoso, responsável da Sesibal, a associação de pescadores que opera na faixa costeira que vai de Setúbal a Sines, passando por Sesimbra, onde se encontra a maior parte da frota.

“Quase de certeza que até aos Santos a sardinha estará magra. Aquela que agora se apanha dá apenas para isca e para a indústria conserveira. Depois, lá mais para diante, então poder-se-á ganhar alguma coisa”, explica Manuel Cardoso.

## PRIMEIRAS CAPTURAS SÃO DE CARAPAU E CAVALA

Com cada embarcação com a possibilidade de capturar diariamente cerca de três toneladas de sardinha, os primeiros dias da faina serão, no entanto, preferencialmente dedicadas a duas outras espécies. “Há sempre a possibilidade de pescar carapau e, sobretudo, cavala”, afirma Manuel Cardoso, lembrando que esta última espécie não está sujeita

a nenhuma tonelagem, podendo ser capturada de acordo com a vontade dos mestres. “A cavala é muito mais barata do que a sardinha. Normalmente é vendida a 50 centimos o quilo, enquanto que a sardinha oscila entre os 90 centimos e o euro e dez. Mas como não existe limite, acaba por compensar. A maior parte vai para Espanha, para ser transformada em ração que depois serve para alimentar o atum criado em cativeiro”, explica.

Mesmo com dez traineiras a operarem a partir de Sesimbra, a verdade é que o distrito acaba por não lucrar muito com a atividade, uma vez que as fábricas conserveiras há muito que desapareceram da região. As cerca de 400 - muitas de grande dimensão, a

maioria apenas negócios quase familiares - que chegaram a existir em Setúbal, dando emprego a milhares de pessoas, são agora apenas uma recordação. Apenas apetrechos e fotos que os museus guardam e histórias que ainda permanecem na memória de alguns. Nem mesmo a cavala parece capaz de despertar o apetite dos investidores da indústria conserveira, agora quase toda ela instalada no Algarve e em Matosinhos.

Em Sesimbra, onde chegaram a laborar 12 fábricas, houve grande tradição de exportação de conservas para a Alemanha e para a Bélgica. Investidores franceses escolheram a vila para ali se instalarem. No entanto, a partir das décadas de 1950 e 1960, tudo se alterou. Supostamente o peixe (sardinhas, mas também carapaus, cavalas, atum e alvacoras), tornou-se mais raro e menos apetecível. A última fábrica, a Primorosa, acabou por fechar portas em 1961.

“Sesimbra continua a ser o terceiro porto com mais captura de sardinha, atrás de Peniche e Matosinhos”, diz o dirigente da Sesibal. A faina que ali se faz, à semelhança da que se desenvolve em Sines, vai subsistindo muito por ‘culpa’ dos pescadores estrangeiros que compõem as tripulações. Há cada vez mais africanos, sobretudo senegaleses, mas também não há embarcação que não tenha asiáticos. Os portugueses mais jovens quase esqueceram a vida do mar. Os ordenados, dizem, quase nunca são condizentes com o esforço e o risco. ■

## Pescadores artesanais esperam apoios do Estado há três meses

Na zona de Setúbal há cerca de 500 profissionais e respetivas famílias que não receberam as compensações prometidas quando das tempestades. Em maio a maior parte das embarcações ficam em terra: O defeso das espécies mais rentáveis e o preço dos combustíveis determinam-no.

**AS TEMPESTADES** de inverno mantiveram em terra, durante quase três meses e por todo o país, a maior parte dos pescadores de pesca artesanal e muitos armadores. Setúbal não foi exceção e durante o mau tempo cerca de 500 homens deixaram de praticar a faina. Valeram-lhes na altura as palavras de esperança transmitidas pelo Governo: Iriam receber compensações calculadas com base nos ordenados mensais declarados. Passaram mais de dois meses e, até agora, ainda todos aguardam a ajuda prometida.

O mar, quando dá tréguas, nunca se estende por muito tempo. Em Setúbal a comunidade piscatória sabe disso. “Ainda há coisa de mês e meio voltámos a ter condições para regressar à faina e já estamos em maio, altura em que as espécies mais lucrativas, o salmone e a raia, entram no defeso. Temos de parar novamente, até porque o preço do combustível está muito elevado. Hoje abastecer um barco sai ao mesmo preço do que atestar um carro para andar na autoestrada”, diz ao nosso jornal Daniel Ferreira, presidente da Associação de Pesca Artesanal de Setúbal.

“Poderíamos suportar um pouco melhor as dificuldades caso o Governo já tivesse pago as compensações salariais devido aos quase três meses de paragem. O problema é que o Governo prometeu, prometeu e... ainda quase não cumpriu. Entregou algum dinheiro a alguns armadores e, para a maioria



IMAGENS DR

dos pescadores, para os que vivem do choco (que teve uma época muito abaixo das expectativas devido às grandes quantidades de água doce), da raia, do salmone ou do linguado, ainda não entregou nada”, conta aquele responsável.

Maio, com a interdição de captura de algumas das espécies mais rentáveis, com o aumento dos preços do combustível para preços que muitos consideram “incomportáveis” e com todos os atrasos remuneratórios aludidos será, pois, um mês em que a maior parte dos pescadores irão ficar em terra. “Muita gente vai tentar aproveitar para fazer pequenas reparações nas embarcações

e nas artes. Não vai ser um mês fácil, porque quase ninguém tem dinheiro”, diz Daniel Ferreira.

“Ao todo seremos cerca de 500 pescadores que, em Setúbal, estamos a passar dificuldades por ainda não terem chegado as compensações prometidas pelo Governo. Acho que apenas três ou quatro armadores receberam alguma coisa. O resto tem estado a passar mal, até porque quando houve possibilidade de ir ao mar, a pesca foi fraca e o valor do peixe caiu nas lotas. Apenas nas lotas e não nos mercados”, refere o mesmo pescador. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

PUBLICIDADE

**DIGITAL**  
**sem  
mais**



TUDO EM  
**semmais.pt**

[f /jornalsemmais](#)  
[f /semmaisedicaooalentejo](#)

**Informação segura e confirmada.**  
**24 HORAS POR DIA**

APESAR DAS TEMPESTADES, ZONAS BALNEARES CONQUISTAM MAIS DISTINÇÕES

# Há ouro sobre azul nas praias do distrito

São 35 bandeiras azuis e 44 bandeiras ouro que este ano estarão hasteadas nas zonas balneares. Um número que cresceu (duas bandeiras de ouro) relativamente ao ano passado e que atesta a qualidade da água e dos serviços, mas também da segurança.

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO

AS PRAIAS do distrito de Setúbal recolheram, para o ano em curso, 41 bandeiras azuis e 44 de ouro. São símbolos atribuídos, respetivamente, pela Associação Bandeira Azul de Ambiente e Educação e Quercus, e que atestam não só a existência de bons serviços de apoio como a qualidade da água nos locais analisados.

Distribuídas no final da passada semana e no início desta, as bandeiras azuis significam que as praias contempladas reuniram favoravelmente um conjunto de critérios relacionados com informação e educação ambiental, qualidade da água balnear, gestão ambiental, segurança e serviços, responsabilidade social e envolvimento comunitário. Para 2026 o distrito foi contemplado com 35 bandeiras azuis, as mesmas que haviam sido concedidas na época balnear anterior.

“É um símbolo de qualidade que distingue o esforço de diversas entidades e que premeia também o respeito pelo ambiente e todas as ações desen-

volvidas para consciencializar os cidadãos para a necessidade de proteger o ambiente”, explicou ao Semmais um responsável da Associação que entrega os galardões. “Se os números do distrito de Setúbal se mantêm inalterados é porque existiu a preocupação, das autarquias e de outras entidades envolvidas, de preservar e até melhorar o que de bom já existia”, adiantou.

Receberam a bandeira azul para 2026, no concelho de Grândola, as seguintes praias: Aberta Nova, Atlântica, Carvalhal, Comporta, Galé-Fontainhas, Melides, Pego Tróia-Bico das Lulas, Tróia-Galé, Tróia-Mar e Marina de Tróia. O concelho de Almada registou dez distinções e que são CDS, Dragão Vermelho, Infante, Mata, Praia Nova, Rainha, São João da Caparica, Santo António, Sereia e Tarquínio/Paraíso. Já para Sesimbra seguiram bandeiras para Califórnia, Ouro, Lagoa de Albufeira-Mar e Moinho de Baixo-Meco. Relativamente ao concelho de Santiago do Ca-



cém foram contempladas as praias da Costa Nova de Santo André, Fonte do Cortiço e Monte Velho-Porto das Carretas. Por fim, em Setúbal, distinguiram-se Albarquel, Figueirinha e ACALA (marina).

## REGIÃO CONQUISTOU MAIS DOIS OUROS

Já as bandeiras de ouro, que a agência ambiental Quercus também distribui anualmente servem, sobretudo, para atestar a qualidade da água. De acordo com o que foi explicado ao nosso jornal pela responsável da asso-

ciação, Sara Campos, foram distribuídos 44 galardões para este ano, mais dois do que em 2025. Esses novos registos correspondem ao concelho de Almada, mais concretamente às praias da Cova do Vapor e São João da Caparica/Praia do Norte.

Sara Campos explica que para que uma praia obtenha a bandeira de ouro tem de cumprir três critérios, sendo o primeiro a classificação anual de “excelente” (relativo à qualidade da água) nas cinco épocas balneares anteriores. Depois, é necessário que todos os boletins de análises

realizadas tenham apresentado resultados melhores para um conjunto de indicadores bacterianos definidos numa diretiva europeia relativa à gestão das águas balneares. Por fim, relativamente à última época balnear, não poderá ter acontecido qualquer tipo de ocorrência ou aviso de desaconselhamento da prática balnear, proibição da prática balnear ou interdição temporária da praia.

Receberam a bandeira de ouro para 2026 as seguintes praias: Bela Vista/Nova Vaga, Cabana do Pescador, Castelo, CDS/Santo António, Cova do Vapor, Fonte da Telha, Infante, Mata, Morena, Praia Nova/Nova Praia, Rainha, Rei, Riviera, São João da Caparica, Saúde, Sereia, Tarquínio-Paraíso/ Dragão Vermelho, todas no concelho de Almada. Aberta Nova, Atlântica, Camarinhas, Carvalhal, Comporta, Galé-Fontainhas, Melides, Pego Tróia-Bico das Lulas, Tróia-Galé e Tróia-Mar, todas no concelho de Grândola. Relativamente ao concelho de Santiago do Cacém foram distinguidas as praias da Costa de Santo André e Fonte do Cortiço. Sesimbra teve contempladas a Califórnia, Lagoa de Albufeira, Moinho de Baixo-Meco e Bicas, enquanto que para Setúbal foram atribuídas distinções a Albarquel, Figueirinha, Galapos, Galapinhos e Praia da Arrábida. Por fim, no concelho de Sines, as praias escolhidas foram Porto Covo Grande, Pessegueiro, São Torpes e Vieirinha-Vale Figueira. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

## Venda de bivalves sujeita a novas regras sanitárias e de transporte

Ministério da Agricultura quer controlar atividade desenfreada praticada, sobretudo, no Rio Tejo, em Alcochete e Montijo, por milhares de apanhadores ilegais que vendem ameijoia japonesa não depurada.

TRANSACIONAR ou transportar bivalves vivos vai obedecer, a partir de 1 de junho, a novas regras. Todos os movimentos passarão a estar inscritos num documento emitido pela Direção-Geral de Recursos Naturais e nenhuma venda poderá realizar-se sem que antes o produto tenha passado por um centro de depuração certificado.

O anúncio destas novas medidas foi efetuado esta semana pelo Ministério da Agricultura e Mar, que deste modo pretende por fim aos negócios clandestinos de venda de bivalves, sobretudo ameijoia japonesa, capturados no Rio Tejo e

transacionados posteriormente, sem certificação sanitária reconhecida, para todo o país e também para Espanha, França e Itália, entre outros.

“Os apanhadores passam a estar obrigados a registar todas as movimentações de moluscos bivalves vivos através de documento emitido pela Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM), exclusivamente em suporte papel, válido apenas em território nacional”, informou o Ministério através de comunicado, acrescentando ainda que “a venda de bivalves vivos a estabelecimentos comerciais grossistas e retalhistas

ou diretamente ao consumidor final só poderá ser efetuada após o respetivo registo e depuração e/ou expedição por estabelecimento conexo nacional devidamente aprovado para o efeito”. Esta regra só não se aplica aos apanhadores com contratos de abastecimento.

Recorde-se que a apanha de ameijoia japonesa (uma espécie invasora) no Tejo, de onde se estima que até recentemente fossem retiradas diariamente cerca de sete toneladas por dia, tem vindo a ser contestada por diversas entidades, nomeadamente a autarquia de Alcochete, por ser uma atividade efetuada por milhares de apa-



nhadores (na sua maioria estrangeiros) não licenciados. A posterior transação dos bivalves sem estarem submetidos a qualquer rastreio sanitário, terá contribuído para um conjunto de doenças e crescente onda de reclamações. Para além das questões relacionadas com a saúde, foram igualmente aludidas questões relacionadas com a falta de pagamento de impostos e de segurança, sendo frequentes os confrontos violentos entre apanhadores de diferentes países. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

# Ambientalistas subscrevem chumbo da Pedreira do Galo e alertam para vários perigos

SEIS ENTIDADES ligadas à defesa ambiental e da biodiversidade subscreveram um parecer negativo para permitir a expansão da Pedreira da Ribeira do Cavallo, em Sesimbra. O Estudo de Impacto Ambiental (EIA) para o aumento da atividade (plano de lavra) naquela pedreira (para uma área que passaria a denominar-se Pedreira do Galo) considerou que existem sérios riscos de conservação para duas grutas classificadas e localizadas a apenas algumas centenas de metros. Também uma comunidade de morcegos que utiliza um desses espaços poderia correr sérios riscos.

Ao parecer do Geota - Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente, juntaram-se a Associação Morcegos PT, a Federação Portuguesa de Espeleologia, o Grupo de Espeleologia e Montanhismo, o Grupo Proteção Sico e a Liga para a Proteção da Natureza. Poste-

riormente, em declarações ao nosso jornal, também a Quercus do distrito manifestou oposição a um projeto que, dizem, coloca em causa as grutas do Frade e do Zambujal.

Numa publicação efetuada após o encerramento da consulta pública do EIA, o Geota afirma que a empresa proponente, a José Marques Gomes Galo, SA, pretendia estender a atividade de exploração de calcário para uma área que se encontra inserida na Zona Especial de Conservação (ZEC) Arrábida/Espichel, e a apenas a 700 metros da Zona de Proteção Especial do Cabo Espichel, distando ainda 2,5 quilómetros da reserva biogenética da Arrábida.

## PEDREIRA ESTÁ PERTO DE ZONAS CLASSIFICADAS

Na argumentação do Geota pode ainda ler-se que a pedreira fica a “495 metros da Gruta do Frade, classificada como geossítio, a 280 metros da Gruta do

Zambujal, sítio classificado por ser local de hibernação de morcegos, e a 1,5 quilómetros da Pedreira do Avelino, também classificada como geossítio”.

Os pareceres dos grupos ambientalistas referem que para além das duas grutas citadas, existe um conjunto de outras cuja subsistência poderá ser comprometida no caso de o projeto ir por diante. Estão nesse caso a Gruta do Coelho, a Lapa da Euphorbia, a Lapa do Mosquito, a Lapa da Enseada da Mula, o Algar do Velho e a Lapa da Califórnia. “Como se pretende prolongar a exploração até à cota 80 metros, e dado que a cota atual da zona da pedreira, que se pretende aprofundar varia entre os 100 e os 140 metros, é provável que pelo menos algumas dessas zonas sejam atingidas pela pedreira ou no mínimo afetadas pela exploração da pedreira (vibrações, introdução de contaminantes, introdução de pó de



IMAGEM DR

pedra, etc)”, refere o documento do Geota.

Também os níveis de captação de água propostos colocam em causa, dizem os ambientalistas, todos os recursos existentes. “A exploração da pedreira com produção de pó de pedra e manuseamento de substâncias potencialmente contaminantes, como combustíveis lubrificantes e explosivos, pode introduzir contaminantes que atinjam o nível de água subterrânea e, eventualmente, o mar”, dizem os peritos ambientais.

Em declarações ao nosso jornal, o representante distrital da

Quercus, Luís Silva, disse apoiar “incondicionalmente os pareceres do Geota”, manifestando preocupação pelo eventual processo de destruição de uma área “que se quer livre de atividades poluentes e onde se salvaguarde toda a biodiversidade”.

O Semmais tentou ainda recolher o depoimento de Isabel Galo ou Clélia Galo, administradoras da empresa que se dedica desde 1967 à exploração de calcário na Arrábida. Mau grado todas as tentativas, não foi possível obter qualquer resposta. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

PUBLICIDADE

## 20 a 24 maio



DIA DA MARINHA  
Setúbal  
2026

VISITAS A NAVIOS | BATISMOS DE MAR | CERIMÓNIA MILITAR  
EXPOSIÇÕES | CONCERTOS | ATIVIDADES DESPORTIVAS

MAIS INFORMAÇÃO EM [MARINHA.PT](http://MARINHA.PT)



## Novas travessias e acessibilidades devem começar a ser construídas em 2027

O estudo de impacto ambiental será apresentado no segundo semestre deste ano. Se não surgirem impedimentos algumas obras podem começar a ser executadas no concelho da Moita. Também no Barreiro deverá iniciar-se o processo de relocalização da estação do Lavradio.



O GOVERNO vai apresentar no segundo semestre deste ano o estudo de impacto ambiental relativo à construção da Terceira Travessia sobre o Tejo (Chelas/Barreiro) e respetivas acessibilidades. Na mesma ocasião serão comunicadas as alterações na via férrea em consequência da construção da linha de alta velocidade. Anunciam-se transformações de monta em algumas áreas dos concelhos do Barreiro e, sobretudo, da Moita. Trabalhos no terreno deverão iniciar-se em 2027.

Há duas alterações de monta no sistema ferroviário que atualmente serve o Barreiro e a Moita. No primeiro caso, devido à chegada dos comboios de alta velocidade e à ligação dos comboios provenientes da Linha do Alentejo, será deslocalizada a atual estação do Lavradio. No caso da Moita também a atual estação deverá ser substituída por uma nova, facilitando-se ainda a movimentação dos utentes que normalmente utilizam a gare da sede de concelho, mas também das localidades de Baixa da Banheira, Penteado e Alhos Vedros, que ficarão com acesso ferroviário direto a Lisboa.

As obras no terreno, conforme o nosso jornal confirmou junto de elementos conhecedores dos estudos em curso, deverão iniciar-se em 2027. Para isso é, no entanto, necessário que o

estudo de impacto ambiental seja aprovado. Trata-se, dizem, de uma expectativa legítima, uma vez que não deverá ser afetado nenhum local sensível em termos de fauna ou flora.

Em declarações ao Semmais, o presidente da câmara da Moita, Carlos Albino, explicou que os residentes do concelho que tenham de se movimentar para a capital deixarão de utilizar as atuais estações de ligação na linha da Fertagus (Lisboa/Setúbal), sobretudo Pinhal Novo e Coina. “É uma melhoria bastante significativa e que já nos foi assegurada pela Infraestruturas de Portugal, com quem reunimos no dia 7 para análise do traçado de alta velocidade, entre Lisboa e Madrid”, sublinhou o autarca.

### MUNICÍPIOS COM ACESSO FACILITADO À CAPITAL

Carlos Albino confirmou assim que o município a que preside não só terá deslocações ferroviárias diretas a Lisboa, como também ficará muito próximo de uma estação de passageiros do serviço de alta velocidade (a futura estação do Lavradio) e estará igualmente na rota dos comboios de passageiros e mercadorias que irão para o Sul do país e Espanha.

“Naturalmente que estamos satisfeitos com estas decisões. Há uma mudança de paradigma relativamente ao concelho da

Moita, que além do transporte ferroviário e do transporte fluvial (estão em curso os estudos que visam construir uma estação num futuro linha marítima que ligará o concelho a Lisboa e, eventualmente, a outras localidades vizinhas da margem Sul), ficará igualmente muito beneficiado em termos de circulação rodoviária, uma vez que o nó de acesso à nova ponte se localiza no nosso concelho, junto à Escola Secundária da Baixa da Banheira. No futuro, qualquer um dos residentes da Moita poderá estar em Lisboa em poucos minutos. Basta atravessar a nova ponte, cujos acessos serão aqui construídos”, disse ainda o autarca.

O anúncio das melhorias nas acessibilidades deverá resultar, ainda de acordo com Carlos Albinos, num reacender do interesse na aquisição de terrenos para construção no concelho. “Já tínhamos constatado um crescente aumento da procura, mas agora com as melhorias relacionadas com todo o tipo de transportes, esperamos ainda mais gente. O concelho vai dar um salto imenso em termos de qualidade de vida, até porque a câmara se prepara para investir 3,7 milhões de euros num projeto de requalificação da frente ribeirinha, entre a Moita e o Rosário”, frisou. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO



## Transtejo assegura ligações Barreiro/Seixal a partir de junho

A utilização de navios elétricos já terá permitido poupar 1.740 milhões de litros de gasóleo. Em quatro meses a empresa transportou dois milhões de passageiros entre as duas margens do Tejo.

AS VIAGENS dos dez navios elétricos da Transtejo/Soflusa realizadas no ano passado entre as duas margens do Tejo terão originado uma poupança de 1.740 milhões de litros de gasóleo, evitando emissões de CO2 equivalentes a cerca de 87.000 viagens de carro entre Lisboa e Porto. O anúncio foi feito esta semana pela administração da empresa durante uma cerimónia que serviu igualmente para dar conta de que em junho as cidades do Barreiro e Seixal passarão a estar ligadas por uma ligação fluvial.

De acordo com o administrador da transportadora, Rui Ribeiro Rei, a ligação Barreiro/Seixal, há muitos anos reclamada pelas populações locais, irá servir para tornar mais sustentável ambientalmente a travessia do Tejo e, em simultâneo, reduzir os custos de manutenção da frota.

O anúncio desta nova linha aconteceu na presença do ministro das Infraestruturas, Miguel Pinto Luz, numa cerimónia que serviu igualmente para assinalar o facto de a empresa ter atingido este ano os dois milhões de passageiros transportados através de navios elétricos.

Miguel Pinto Luz, para além de enaltecer as vantagens das viagens efetuadas em navios

elétricos, lembrou também que a melhoria da travessia fluvial do Tejo é fundamental para todos os residentes da margem Sul, uma vez que neste momento se torna cada vez mais difícil assegurar o transporte por via ferroviária. “A Fertagus está a sofrer de uma falta de material circulante gritante”, reconheceu à Lusa o ministro, adiantando ainda que o Governo prevê adquirir em breve duas carruagens para reforçar o serviço.

A Transtejo/Soflusa indicou, por sua vez, que dos dois milhões de passageiros já transportados este ano nos navios elétricos, 52 por cento fizeram a travessia entre Cacilhas e Cais do Sodré, sendo esta a linha mais utilizada, com mais de 10.200 viagens realizadas até abril. No trajeto entre o Seixal e o Cais do Sodré, que desde maio de 2025 só opera com navios elétricos, terão viajado os restantes 48 por cento dos passageiros.

A empresa é responsável pela ligação entre Lisboa e Seixal, Cacilhas, Barreiro e Trafaria/Porto Brandão. Para além do serviço anunciado para o Barreiro/Seixal, está igualmente em equação uma linha direta entre Alhos Vedros, no concelho da Moita, e Lisboa. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

# Ainda há 94 pessoas de Porto Brandão desalojadas

OS RELATÓRIOS finais da Proteção Civil para determinarem a segurança de pessoas e bens relativos à localidade de Porto Brandão, no concelho de Almada, e que foram desalojadas em fevereiro passado na sequência de deslizamentos de terras, só deverão estar concluídos dentro de um mês. Para já é garantido que há 35 casas que serão demolidas e que outras 20 ainda estão a ser avaliadas.

“Confirmo que o município fez 35 notificações relativas a outras tantas habitações da Azinhaga dos Formozinhos, em Porto Brandão, informando que essas mesmas habitações terão, por questões de segurança, de ser demolidas. Depois há mais 20, em Porto Brandão, mas também noutras áreas do concelho que foram atingidas pelos temporais de fevereiro, que estão a ser avaliadas pelos serviços de Proteção Civil e também pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Lisboa”, disse ao Semmais o diretor municipal para o Desenvolvimento Social,

Trabalhos no terreno continuam. São 35 casas que terão de ser demolidas e mais 20 que aguardam conclusão dos estudos.

Tempestades de fevereiro retiraram a casa a 127 pessoas no concelho de Almada.

da câmara de Almada, Eduardo Quinta Nova.

O mesmo responsável adiantou ainda que ainda é muito cedo para se avançar com uma perspetiva do que será aquela localidade ribeirinha depois de concluídas todas as intervenções. “Há situações diversas que estão a ser tratadas. Temo-nos deparado com casas que não estavam licen-



IMAGEM DR

ciadas, e também com outras que se encontravam construídas em terrenos que são reserva agrícola nacional e reserva ecológica”, disse.

Atualmente a autarquia responsabiliza-se pelo acolhimento de 127 pessoas que residiam em 48 habitações afetadas. Desse total, 94 residiam na Azinhaga dos Formozinhos, enquanto as restantes

tinham residência nas Torreiras, Raposo, 2º Torrão e Santo António da Caparica. Para estes habitantes a solução atual passa pelo arrendamento no setor privado. Outros residentes que ainda têm a situação indefinida aguardam na casa de familiares. “Existe um natural cansaço e impaciência por parte das pessoas afetadas, mas enquanto os

estudos relativos à segurança não estiverem concluídos não se pode fazer muito mais. Para já temos a assinalar um protocolo celebrado no dia 24 de abril entre o município e o IHRU (Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana) para que no âmbito do programa Porta Aberta possa ser encontrado alojamento temporário urgente, no mercado de arrendamento temporário.

É uma solução para 18 meses e cujos preços variam consoante a tipologia de cada casa”, disse ainda Eduardo Quinta Nova, salientando que outras soluções passam pelo recurso aos programas de rendimento acessível apoiados pelo município.

O mesmo responsável disse, por fim, que já foram investidos 2,6 milhões numa empreitada que visa conter as movimentações de terras e que outras relativas às vias de comunicação continuam a ser efetuadas. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

PUBLICIDADE

## Dia Municipal do Bombeiro Barreiro

# 16 MAIO '26

Largo do Mercado 1.º de Maio

### PROGRAMA

08h30

Hastear de Bandeiras  
Bombeiros do Sul e Sueste

09h00

Hastear de Bandeiras  
Bombeiros do Barreiro  
Corpo de Salvação Pública

10h00

Sessão Solene de Homenagem aos  
Bombeiros do Concelho  
Atribuição de Condecorações

11h00

Desfile apeado

Confirmação de presença  
até ao dia 12 de maio  
para o e-mail: [dcrpp@cm-barreiro.pt](mailto:dcrpp@cm-barreiro.pt)



EMPREITADA ESTÁ ORÇAMENTADA EM CERCA DE QUATRO MILHÕES DE EUROS

# Sines investe na rodovia com o regresso dos comboios no pensamento

Obra de quatro milhões no terminal rodoviário e requalificação urbana também visa, a curto e médio prazo, a reabertura da estação ferroviária encerrada desde 1990 e aproximar a cidade alentejana do Litoral a cerca de uma hora de Lisboa.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

A CÂMARA Municipal de Sines prepara-se para apresentar uma candidatura que lhe permita, até final do ano, concluir um terminal rodoviário na cidade. Trata-se de uma obra de cerca de quatro milhões de euros que tem como atrativo complementar a proximidade da linha férrea que foi desativada em 1990 e cuja reabertura passa agora a ser fundamental para fazer face ao crescimento populacional do concelho.

“Cremos que dentro de sete ou oito anos Sines passe a ter mais 50 por cento dos atuais habitantes. Para podermos responder com qualidade a todos os que para aqui virão trabalhar e residir precisamos, no entanto, de ter uma rede de transportes adequada. O que existe atualmente não corresponde às exigências e, se por um lado vamos passar a ter condições em termos de terminal rodoviário, também queremos que o serviço ferroviário possa voltar a funcionar, depois de ter sido suprimido há cerca de 36 anos”, disse ao Semmais o presidente da edilidade, Álvaro Beijinha.

O autarca entende que a ferrovia irá contribuir decisivamente para solucionar parte dos problemas de mobilidade e até de habitação da cidade. “Com o comboio a funcionar uma viagem de Sines a Lisboa poderá realizar-se em cerca de uma hora ou hora e 20 minutos. Os custos do trans-



porte ferroviário são hoje muito atrativos e isso significa que este tipo de transporte poderá ter grande aceitação. Permitirá, portanto, que muitas das pessoas que aqui trabalham ou venham trabalhar nem sequer precisem de ter residência na cidade ou nas suas imediações, sendo certo que a falta de habitação é a principal carência identificada no concelho”, referiu.

Álvaro Beijinha diz que o antigo corredor ferroviário que dava acesso à cidade ainda se encontra disponível e que, esta semana, no decurso de uma reunião com o secretário de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional, Hélder Reis, o tema foi debatido. “Ficou a ideia de que o Governo estará sensibilizado para a ne-

cessidade de melhorar as acessibilidades nesta zona do Alentejo Litoral, onde diariamente entram e saem milhares de pessoas”, afirmou.

Atualmente os residentes em Sines, para poderem viajar de comboio, precisam de se deslocar às estações de Grândola ou Ermidas-Sado, que distam, respetivamente 50 e 42 quilómetros. “Em 1990, quando o comboio foi suprimido, ainda se colocaram autocarros a fazer alguns trajetos. Depois até os autocarros acabaram. Agora, com o novo terminal e a empreitada de requalificação urbanística da área envolvente, ganha-se uma nova esperança de melhorar a questão da mobilidade”, explicou. ■

## Montijo candidata-se a dois milhões para recuperar centro histórico

Proposta foi aprovada e será celebrado protocolo que irá permitir reabilitar o casario ribeirinho. Rendas acessíveis podem atrair novos moradores. Espaços públicos e comércio também ganham nova vida.

A CÂMARA Municipal do Montijo vai celebrar com a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa um protocolo que lhe permitirá concorrer a uma candidatura europeia para obtenção de financiamento de dois milhões de euros. O dinheiro servirá para desenvolver um projeto de reabilitação do centro histórico da cidade.

De acordo com a proposta do vereador social democrata Pedro Vieira, apresentada e aprovada no passado dia 29, o protocolo com a Faculdade de Arquitetura contará também com a colaboração de um gabinete de arquitetura e de uma empresa de consultoria, que irão ajudar a

desenvolver o projeto a ser financiado no âmbito do programa European Urban. Este programa pode dar um financiamento até 80 por cento dos dois milhões de euros, sendo os restantes 20 por cento da responsabilidade do município. Esta participação da edilidade deverá traduzir-se não só numa eventual quantia monetária, mas sobretudo na disponibilização de recursos próprios, nomeadamente edifícios e espaços públicos.

O projeto em causa aponta para a reabilitação urbana e para a criação de habitação de renda acessível. A intervenção irá desenvolver-se numa área ribeirinha e

visa igualmente melhorar todo o espaço público e revitalizar o comércio local.

A reabilitação do centro histórico do Montijo foi apresentada como uma das prioridades de todas as forças políticas que concorreram às últimas eleições autárquicas. A ideia de atrair mais habitantes e investidores passa pela recuperação da zona histórica e ribeirinha da cidade, que ao longo dos anos, mau grado intervenções, foi perdendo a atividade comercial desejada.

Prevê-se que a candidatura possa ser apresentada até dia 15 de junho deste ano. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

## Santiago com maior orçamento de sempre

ORÇADA em 485 mil euros, a 38.ª edição da Santiago – Feira Agropecuária e do Cavalo, que decorre de 28 a 31 deste mês no parque de feiras e exposições de Santiago do Cacém, promete ser a maior de sempre em termos de investimento. O certame contará com mais de 200 expositores e aposta numa programação diversificada, pensada para diferentes públicos. No cartaz musical destacam-se Carlão (dia 28), Raquel Tavares (29), Táxi (30) e Quim Barreiros (31).

Para o presidente da Câmara Municipal, Bruno Gonçalves Pereira, a edição de 2026 afirma-se como uma “referência incontornável” na região, refletindo “a vitalidade do nosso território, das nossas empresas e das nossas gentes”, assumindo já relevância no panorama nacional. O autarca sublinha que o orçamento deste ano é “o maior de sempre”, representando um aumento de 14% face a 2025. “Este reforço deve-se à confiança no projeto e à sua valorização contínua. Esta feira é um motor de desenvolvimento económico, um espaço de promoção e um ponto de encontro entre a tradição e a inovação”, afirmou.

O edil destaca ainda um cartaz musical “ecclético, de grande qualidade e mais variado”, pensado para abranger diferentes estilos e públicos, combinando artistas nacionais e locais. A organização reforçou também as condições dos pavilhões de exposições, com melhorias ao nível do bem-estar animal e do conforto dos visitantes.

O cavalo volta a assumir um papel central na programação, com demonstrações, provas e batismos equestres. Na componente agropecuária, foram reforçadas as atividades que aproximam o público das práticas tradicionais, como a ordenha, a tosquia e a alimentação de animais. O programa inclui ainda showcookings, provas de vinhos e degustações, colóquios e a iniciativa “A Minha Horta na Santiago”, dirigida às crianças das escolas, com o objetivo de promover o contacto com a agricultura.

O bilhete diário terá um custo de dois euros, enquanto o passe geral para os quatro dias custará seis euros. A entrada é gratuita para crianças até aos 12 anos e para portadores do Cartão Sénior Municipal.

A apresentação do certame à imprensa decorreu no passado dia 30 de abril, no Monte do Giestal, contando com a presença de vários convidados, entre os quais o presidente do município, Bruno Gonçalves Pereira. ■

TEXTO ANTÓNIO LUIS



**POLITECNICO  
SETUBAL**

POLYTECHNIC UNIVERSITY



WWW.IPS.PT  
ESTUDAR@IPS.PT



# MESTRADOS PÓS-GRADUAÇÕES

## **CONTINUAR A EVOLUIR**

É CRIAR NOVOS HORIZONTES.

ENGENHARIA E TECNOLOGIA  
CIÊNCIAS EMPRESARIAIS  
SAÚDE

**CANDIDATURAS  
ABERTAS**

até 27 de maio

**O talento  
é o teu ponto  
de partida.**



DEFINIÇÃO DA TERCEIRA PONTE, AEROPORTO E ALTA VELOCIDADE IMPEDIU OBRA EM 2020

# Mercado abastecedor deverá arrancar em Vila Amélia

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO

A **CONSTRUÇÃO** de um mercado abastecedor de grandes dimensões na península de Setúbal será uma realidade ainda este ano, altura em que deverá estar concluído o estudo de viabilidade a cargo da Sociedade Instaladora de Mercados Abastecedores (SIMAB) e da Transportes Metropolitanos de Lisboa (TML). Mesmo sem nenhuma decisão tomada, a obra deverá ser efetuada num dos três locais que em 2020 foram identificados. O nosso jornal sabe que o empreendimento deverá rondar os 104 milhões e que, com base em estudos anteriores, Vila Amélia, na freguesia da Quinta do Anjo, Palmela, é a localização que reúne mais preferências.

Em resposta ao Semmais, Betariz Catarino, da direção geral corporativa da SIMAB, referiu que “neste momento não é ainda possível indicar o concelho de localização nem os custos associados ao MARL Sul”. A mesma responsável adiantou que irá ser lançado, até final do ano, o “Estudo Final”, que irá definir “esses e outros aspetos estruturantes do projeto, designadamente o dimensionamento, layout, acessibilidades, tipologias de operadores, modelo de gestão, bem como as condições de localização, investimento e exploração”.

O Semmais, tendo consultado o estudo da TML elaborado já depois de 2021, sabe contudo que dos três locais aventados inicialmente (Vila Amélia, Poceirão e Setúbal), é o primeiro, na freguesia da Quinta do Anjo, que reúne as preferências. Tra-

ta-se de uma zona que apresenta grandes vantagens em termos de acessibilidades relativamente aos restantes e que de acordo com os estudos anteriores poderá ter uma redução face aos movimentos rodoviários com destino ao MARL de Loures, na ordem dos 22%. Essa mesma redução seria de 13% em relação a Setúbal e de seis relativamente ao Poceirão.

O mesmo estudo dizia então que, tendo em conta as movimentações nos concelhos da margem Sul, Vila Amélia tinha a vantagem de as diminuir em 60%, ao passo que Setúbal tinha uma redução de 44 e o Poceirão de 43.

A SIMAB refere, na resposta enviada ao nosso jornal, que “no quadro dos estudos já realizados, foi identificada a pertinência de avaliar a implementação de



IMAGEM DR

um MARL Sul, nomeadamente pela sua capacidade de melhorar a eficiência logística, reduzir o tráfego de mercadorias sobre as travessias do Tejo, aproximar produtores e consumidores e contribuir para a redução de custos de transporte”.

“Transformações estruturais do território, nomeadamente a Terceira Travessia do Tejo, o novo aeroporto e a rede de alta velocidade” são agora aspetos a ter em conta e que em 2020, por ainda não estarem definidos, terão impedido o avanço do projeto.

Não tendo sido possível falar com os presidentes das juntas do Poceirão e da Quinta do Anjo, o nosso jornal contactou a presidente da câmara de Palmela, Ana Teresa Vicente, que afirmou que sobre a medida anunciada pelo primeiro ministro, Luís Montenegro, “ainda nada chegou”. Também a autarquia de Setúbal foi contactada, tendo sido adiantado que, para já, não existe qualquer dado que aponte para a localização do mercado abastecedor no concelho. ■

## PORTO DE SINES PORTA ATLÂNTICA DA EUROPA

Oferecendo elevados índices de conectividade com ligações diretas regulares aos principais mercados internacionais, Sines é um porto de águas profundas, apto a movimentar quaisquer tipos de navios e cargas.

Dando prioridade ao processo de transição energética, de forma sustentável e com uma forte vertente de inovação e digitalização, o Porto de Sines promove o incremento da competitividade dos importadores e exportadores com soluções logísticas ágeis e eficientes, ao serviço da economia e do hinterland.

**PORTO DE SINES**  
www.portodesines.pt

PUBLICIDADE

FIGURAS PÚBLICAS 'PRESENTES' NUM BONFIM CHEIO DE PÚBLICO

# Vitória regressa aos nacionais após época dominadora na Distrital

TEXTO ANTÓNIO LUÍS

A CONQUISTA do título ficou selada no passado dia 3, com a vitória por 2-1 frente ao GD Alfarim, resultado que deixou os sadinos com 14 pontos de vantagem sobre o segundo classificado, o Olímpico do Montijo. No final da partida, disputada no Estádio do Bonfim, a festa fez-se sentir entre adeptos, com música, foguetes e celebrações nas bancadas.

O encontro contou ainda com a presença de várias figuras públicas, entre as quais o treinador José Mourinho, a presidente da Câmara Municipal de Setúbal e o bispo de Setúbal.

O presidente do clube, Francisco Alves Rito, mostrou-se satisfeito com a subida, destacando

o papel da estrutura. “Uma estrutura conhecedora do futebol” foi determinante para o sucesso, afirmou, sublinhando que “desportivamente, o Vitória não desceu da I Liga nem aos distritais”, referindo-se a despromoções de natureza administrativa. “A conquista deste campeonato, assim como do anterior, deveu-se ao ‘know-how’ que o Vitória tem do futebol”, acrescentou. O dirigente destacou ainda a capacidade da estrutura em construir “o melhor plantel” e gerir os recursos disponíveis.

Já o treinador Paulo Martins, antigo jogador formado no clube, assumiu ter vivido um momento especial após a consagração. “Senti-me o homem mais feliz do mundo”, confessou ao Semmais, reconhecendo, no entanto, que foi uma época



“muito exigente, que nos obrigou a estar muito concentrados”. Na sua análise, o sucesso assentou na “grande dedicação e empenho dos jogadores e da estrutura desportiva”, sublinhando ainda

o percurso invicto da equipa. “Acreditei muito no projeto e nas diretrizes da equipa. Fiz o que me pediram”, afirmou.

Paulo Martins defende que o clube “nunca deveria ter saído


dos campeonatos nacionais”, lembrando o peso histórico do emblema sadino. “Somos o sexto clube com mais presenças na I Liga, temos um património rico e adeptos fantásticos”, destacou. O técnico valorizou também o apoio dos sócios ao longo da época, referindo que a equipa se sentiu “sempre a jogar em casa”, mesmo nos campos adversários.

Também a presidente da autarquia, Dores Meira, saudou a conquista. “O Vitória, símbolo vivo e embaixador desta cidade, merece esta conquista”, afirmou, agradecendo a “determinação” da equipa, que considera refletir “a resiliência, o orgulho e a dedicação de todos os vitorianos”. A autarca reiterou ainda que o município “está e estará sempre ao lado do Vitória”. ■

PUBLICIDADE

**TRIVALOR**  
Servimos bem-estar.  
www.trivalor.pt








---








---

**FOOD SERVICES**

-  Restauração Coletiva
-  Restauração Pública e Catering de Eventos
-  Vending




**LOGISTICS AND DISTRIBUTION**


-  Representações e Logística
-  Produção Alimentar
-  Produção Industrial

---

**FACILITY SERVICES**

-  Segurança Humana e Eletrónica
-  Limpeza
-  Benefícios e Incentivos
-  Manutenção e Gestão de Facilities
-  Gestão Documental
-  Trabalho Temporário e Outsourcing

**MANAGEMENT AND SERVICES**

-  Gestão Integrada de Serviços
-  Serviços Partilhados
-  Saúde e Segurança no Trabalho



**Visite-nos!**

PROJETO DE XANA PEIXOTO VISA INCLUIR, INTEGRAR E INSPIRAR

# (In)visíveis usa a arte como espelho da realidade social

Criar pontes entre o teatro e a realidade social é a premissa do projeto pinhalnovense (In)visíveis, que leva jovens a expressarem em palco medos, sonhos e frustrações através de textos originais.

**TEXTO** ANTÓNIO LUÍS

**DAR VISIBILIDADE** a conflitos, emoções e pressões que frequentemente permanecem silenciados entre os mais jovens é o objetivo central do projeto (In)visíveis, criado este ano por Xana Peixoto na ATA – Ação Teatral Artimanha, em Pinhal Novo. “O projeto nasceu do cruzamento entre teatro, comunidade e expressão humana”, sublinha a responsável, acrescentando que a iniciativa “cria pontes entre o teatro e a realidade social”.

Segundo Xana Peixoto, o (In)visíveis pretende “incluir, integrar e inspirar”, destacando a sua capacidade de constante renovação: “Cada espetáculo terá sempre a capacidade de se reinventar”. Para os participantes, afirma, trata-se de “um espaço de crescimento, expressão e descoberta”; já para o público, é “um convite à reflexão sobre temas que muitas vezes ficam escondidos no silêncio do dia a dia”. Ao abordar diferentes



MAISEL/DR

TEATRO POLITEAMA  
**SAMBA! RITMO! ALEGRIA!**  
 Habilite-se a ganhar uma viagem de 1 semana ao Rio de Janeiro num Hotel 5 estrelas com a **ASIS** (Travel)

*La FERIA*  
 APRESENTA

**Carmen Miranda**  
 O Grande Musical

De Quarta a Sábado às 21h e Sábado e Domingo às 17h  
 Reservas: 213 405 700 - 964 409 036 - politeama.bol.pt  
(Chamada para rede fixa nacional - Chamada para rede móvel nacional)

PUBLICIDADE

experiências humanas e sociais, o projeto contribui para “um teatro mais próximo das pessoas e para uma comunidade mais consciente, empática e aberta ao diálogo”.

O projeto, que contou com oito meses de preparação, envolve os jovens Alexandre Rodrigues, Francisco Martins, Íris Guerreiro, Ivan Parreira, Joana Cobo, Leticia Garcia, Lucas Cardoso, Marta Maia, Matilde Melo, Matilde Teixeira, Olívia Quintas, Rafaela Fonseca, Raquel Gonçalves, Soraya Santos, Tiago Vilela e Vitória Branco. A participação está aberta a todos, independentemente da experiência em teatro, desde que haja “disponibilidade para trabalhar em grupo e abertura para explorar diferentes formas de expressão artística”. Como refere Xana Peixoto, o (In)visíveis “valoriza a autenticidade, o respeito pelo coletivo e a vontade de partilhar histórias e perspetivas”.

#### JOVENS ESCREVEM OS PRÓPRIOS TEXTOS

Uma das características mais marcantes do projeto é o facto de os

próprios participantes serem responsáveis pela criação dos textos apresentados. “A maior parte do material criativo nasce daquilo que os participantes querem dizer ao mundo. Isso torna o espetáculo muito mais verdadeiro e próximo da realidade”, explica a mentora.

Após duas apresentações realizadas em janeiro, no auditório de Pinhal Novo, e outras duas integradas no evento “Março a Partir”, também na mesma localidade, o (In)visíveis foi concebido para circular por escolas, associações, espaços culturais e instituições sociais. A natureza das temáticas abordadas pretende fomentar “a reflexão e o diálogo com diferentes públicos”.

Xana Peixoto estabeleceu o primeiro contacto com a ATA em 2019, através da peça “Cabaret Gato Preto”. Desde então, tem mantido uma ligação contínua ao grupo, desenvolvendo trabalho artístico não só como atriz, mas também como coreógrafa. É ainda responsável por coreografias e figurinos em diversas produções. ■

# ArteViva estreia comédia “O Método de Gronholm”

Uma comédia de teatro do absurdo é a proposta da ArteViva para assinalar 46 anos de atividade contínua, numa encenação que evidencia como, perante adversidades e pressões, podemos revelar o nosso lado mais ridículo.



**QUATRO CANDIDATOS** – dois homens e duas mulheres – aguardam, numa sala, a fase final de um processo de seleção para uma vaga de executivo numa empresa multinacional. Sem o saberem, já estão a ser avaliados, mas de uma forma pouco convencional. O espetáculo “O Método de Gronholm” explora até onde cada um é capaz de ir na disputa pelo emprego dos seus sonhos.

Este é o ponto de partida para a 101.ª produção da ArteViva – Companhia de Teatro do Barreiro, que celebra, com ambição, o seu 46.º aniversário. A estreia está marcada para este sábado, dia 9, às 21h30, no Teatro Municipal do Barreiro.

A encenadora Carina Silva adiantou que o público poderá esperar uma comédia de “teatro do absurdo”. “Esta peça mostra-nos como somos exageradamente ridículos perante a adversidade e a pressão. O final sugere que, se calhar, não vale a pena ir tão longe”, afirma. Em paralelo, destaca a presença de uma forte crítica social ao meio laboral: os candidatos “parecem participar num ‘Big Brother’,

sendo desafiados a cumprir tarefas que surgem através de portinholas que se abrem em cena”.

O texto é assinado pelo dramaturgo catalão Jordi Galcerán, um dos mais reconhecidos autores contemporâneos do teatro europeu, que alcançou projeção internacional precisamente com esta obra. “Este enorme sucesso foi traduzido e representado em dezenas de países. Jordi explora, de forma mordaz, o mundo corporativo e os limites éticos da ambição, características recorrentes na sua escrita”, sublinha a encenadora.

O elenco integra Alexandre Antunes, Catarina Santana, Sara Santinho e Vítor Nuno. A assistência de encenação é de Rita Reis, a cenografia de João Pimenta, os figurinos de Ana Pimpista e a música de Fast Eddie Nelson.

Em cena no Teatro Municipal do Barreiro até 13 de junho, sempre às 21h30, o espetáculo tem a duração de uma hora e 40 minutos. A peça regressa ao mesmo palco em outubro. ■

TEXTO ANTÓNIO LUÍS

PUBLICIDADE

# G

# festival dos apuuchos

FILIPE PINTO-RIBEIRO  
DIRECTOR ARTÍSTICO

ALMADA PORTUGAL  
2026

23 MAIO A  
24 JUNHO

CONCERTOS  
ÓPERA PARA CRIANÇAS  
CONVERSAS LITERÁRIAS  
CAMINHADA  
MASTERCLASSES  
... E MUITO MAIS!

festivalcapuchos.com

APOIO INSTITUCIONAL

**CMA**  
CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

**REPÚBLICA PORTUGUESA**  
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

**dgARTES**  
DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

MECENAS

**BPI**

**Fundação "la Caixa"**

PARCERIAS

**El Comte Jorgelins**

**cta**  
CULTURA E TEATRO DE ALMADA

**TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE**

**CROWNE PLAZA**  
BY IHG  
Capitania Lisbon

PARCERIA MEDIA

**RTP**

**ANTENA 2**

ORGANIZAÇÃO

**DSCH**  
ASSOCIAÇÃO MUSICAL

**EDITORIAL**  
**RAUL TAVARES**  
**DIRETOR**

## O papel da CIM nas grandes decisões

A sucessão de anúncios de grandes obras públicas para a Península de Setúbal pode impressionar – e, em certa medida, deve mesmo impressionar. Fala-se de um novo mercado abastecedor, de uma nova travessia do Tejo, do novo aeroporto e da alta velocidade, alguns com horizonte já apontado para 2027. No papel, é uma visão ambiciosa de desenvolvimento. Mas há uma questão que não pode continuar a ser secundarizada: quem articula tudo isto no território?

A Península de Setúbal não é um espaço vazio à espera de infraestruturas. É um território vivo, com dinâmicas próprias, pressões urbanísticas, fragilidades sociais e ambientais, e um tecido económico que precisa mais de coerência do que de anúncios avulsos. É por isso que o papel da Comunidade Intermunicipal da Península de Setúbal (CIM) deveria estar no centro de qualquer estratégia séria para a região.

O histórico não é animador. Ao longo das últimas décadas, muitos destes projetos foram sucessivamente anunciados, adiados, reformulados ou simplesmente esquecidos. Cada novo ciclo político traz consigo uma nova vaga de promessas, muitas vezes com calendários otimistas e pouca explicação sobre como se encaixam entre si. O risco é evidente: repetir o padrão de expectativas elevadas seguidas de concretizações parciais ou desarticuladas.

Ora, não basta construir. É preciso integrar. Um novo mercado abastecedor levanta questões logísticas, de mobilidade e de impacto no comércio local. A nova travessia do Tejo terá efeitos diretos nos fluxos pendulares e no ordenamento do território. O novo aeroporto pode transformar profundamente a economia regional – mas também pressionar habitação, acessibilidades e serviços públicos. E a alta velocidade, sendo estruturante, só fará sentido se estiver ligada a uma rede eficaz de transportes regionais.

Sem coordenação, cada uma destas obras corre o risco de funcionar como uma ilha. Com coordenação, podem constituir um verdadeiro sistema de desenvolvimento.

É aqui que a CIM deve deixar de ser um ator secundário para assumir um papel de liderança territorial. Não apenas como entidade consultada, mas como parceira ativa na definição, calendarização e monitorização destes projetos. Afinal, são os municípios que conhecem o terreno, que lidam diariamente com as consequências, positivas e negativas, das grandes decisões tomadas a nível central.

Também o Governo tem responsabilidade acrescida. Anunciar obras é politicamente apelativo, mas governar exige mais do que isso: exige garantir financiamento, cumprir prazos e, sobretudo, assegurar que os investimentos respondem a uma visão integrada do território.

A Península de Setúbal não precisa apenas de mais infraestruturas. Precisa de estratégia. E essa estratégia só será credível se for construída em conjunto, com os municípios, através da CIM, e com uma visão de longo prazo que vá além do ciclo político.

Caso contrário, arriscamo-nos a assistir, mais uma vez, a um desfile de anúncios que, em vez de transformar o território, apenas alimentam a sua frustração.



**ARTUR VAZ**  
**ESCRITOR**

Vivemos hoje num mundo repleto de confusões.

Surgem casos dramáticos das realidades humanas, com guerras por todo o lado e onde tiranos voltam de novo. Receia-se a poluição global, abalam-nos os trágicos tufões e cada vez mais existem populações subdesenvolvidas e, tudo num planeta azul chamado Terra.

Mas como alguns acham pouco, a catástrofe que se advinha, surge um louco excêntrico que apregoa aqui, ali e além o contrário, o que nos faz rezear o que irá ele enviar para a nossa existência.

Nós, portugueses, torna-se urgente pensarmos, face à nossa angústia de andarmos perdidos em pleno século XXI que as antigas velas de cera se podem gastar antes do regresso da luz.

A nossa civilização é extraordinária e bonita, pena é que muitas vezes surjam casos de mentes mirradas e perversas.

Nesta reflexão, não podia deixar de pensar na célebre frase de Neil Armstrong ao pisar a Lua no ano de 1969: “É um pequeno passo para o Homem, um salto gigante para a Humanidade”.

Estou convicto, se hoje fosse vivo Armstrong estaria muito perplexo ao ver a negação da sua frase, pois o Mundo está em

## SALTO GIGANTE PARA A HUMANIDADE...

permanente combustão numa, total ausência de valores morais e sociais.

Mais do que nunca, temos que agir rapidamente e não permitir o fecho da espiral do nosso horizonte existencial.

Isto não pode acontecer. Até porque, faz parte e é obrigação de todos nós, preservar a ética social, moral e política.

Dirão, isso era em tempos d’outrora, em que se usava cartola ou chapéu e se tirava da cabeça quando se sentavam em redor da mesa da sensatez.

De facto, no tempo presente usam-se acessórios com abas largas e à mesa não se destapam – aí é que reside o problema – não conseguem, ou melhor não querem ver mais longe e visionar com clarividência o que paira no nosso planeta.

Os oceanos derretem-se nos polos, as florestas desertificadas, as espécies de animais e plantas em vias de extinção, o aquecimento global atinge índices abismais, etc, etc.

Temos que admitir se isto não parar – consequência da própria vida humana – uma nova ameaça global pode estar a ser germinada no nosso dia a dia.

Vamos acreditar que ainda vamos a tempo de salvar o nosso futuro, pois de nada servirá termos um dia colocado o Homem na Lua, ou até em Marte de não existir a Terra.

O ser humano ainda não compreendeu que ele e os rios, ele e os mares, ele e as florestas, ele e os animais, ele e o Cosmos são um só, e se não entrar em harmonia com isso tudo, está simplesmente fora da realidade da sua própria existência.



**CARLOS CARDOSO**  
**GESTOR**

## A NORMALIZAÇÃO DO DESRESPEITO, UM PERIGO À VISTA

um espírito de cooperação que permitia o crescimento conjunto, com sentido de comunidade. Esse legado, transmitido por gerações, parece hoje esquecido. No seu lugar instalou-se um clima de desrespeito que corrói as relações humanas e fragiliza o tecido social.

Quando o respeito desaparece, desaparecem também as bases que sustentam a convivência. As relações enfraquecem, a confiança quebra-se e a construção coletiva torna-se praticamente impossível. Em vez disso, instala-se a divisão, a suspeita e, em última instância, a desagregação daquilo que levou décadas a construir.

O mais preocupante é que este desrespeito já não é exceção, tornou-se regra. Nota-se no dia a dia, na forma como muitos cidadãos se dirigem às autoridades, aos professores ou a quem desempenha funções públicas. Mas o problema agrava-se quando olhamos para o topo das instituições. Basta assistir ao que se passa na Assembleia da República, deputados que deveriam ser exemplo trocam acusações, insultos e comportamentos indignos do cargo que ocupam. Quando o palco maior da democracia se transforma num espetáculo de desconsideração, o sinal que passa para a sociedade é claro, tudo é permitido.

E o efeito faz-se sentir. O cidadão comum tende a normalizar este comportamento e, pior ainda, a imitá-lo. O desrespeito institucional desce à rua e

enraíza-se no quotidiano. Infelizmente, não se fica por Lisboa. Também ao nível local se observa esta degradação. Em Setúbal, por exemplo, têm-se tornado cada vez mais frequentes episódios de confronto verbal entre responsáveis políticos em reuniões públicas. O recente caso de troca de acusações entre a presidência da Câmara Municipal e a Junta de Freguesia de São Sebastião, com recurso a expressões graves e incendiárias, é apenas mais um sinal de que o diálogo deu lugar ao ataque.

No meio deste cenário, quem perde são sempre os mesmos, os cidadãos. São as populações que veem os seus problemas adiados, as suas necessidades ignoradas e as suas comunidades fragilizadas por conflitos estereis. Quando quem governa ou é oposição se ocupa mais em atacar do que em resolver, o resultado só pode ser um, estagnação e descrédito.

Uma sociedade sem valores não se sustenta. Pode ter leis, pode ter instituições, pode até ter recursos, mas se lhe faltar respeito, acabará por ruir. E esse risco não é teórico, está cada vez mais visível. Hoje, muitas pessoas já não convivem, limitam-se a tolerar-se. Perdeu-se o gosto pelo diálogo, pela partilha e pela construção em conjunto.

Ainda vamos a tempo de inverter este caminho. Mas isso exige uma mudança clara de atitude, começando por quem tem responsabilidades públicas. O respeito não é um detalhe, é o alicerce. Sem ele, tudo o resto perde valor.

### semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, David Marcos, José Bento Amaro** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Arlinda Correia** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação **José Joaquim Cabecinha** nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica LUSOIBÉRIA, Av. da República, nº 6, 1050-191 Lisboa, / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** / /jornalsemmais



**ANTONIO REGUENGOS**  
ECONOMISTA CONSELHEIRO

Esta expressão, no seu original “It’s the economy, stupid!” é uma variação da frase “The economy, stupid” que constava num cartaz na sede de campanha de Bill Clinton em 1992. No mesmo cartaz, incluíam-se ainda outras duas frases: “Change vs more of the same” (Mudança contra mais do mesmo) e “Don’t forget healthcare” (Não esqueçam os cuidados de saúde).

O estratégia principal da campanha de Clinton, James Carville, pendurou este cartaz na sede de campanha de Clinton em Little Rock, no estado do Arkansas, para reforço da mensagem a transmitir aos eleitores, mas depressa se tornou o slogan da campanha.

Relembremos o contexto em que surgem. Em 1991, na altura da primeira Guerra do Golfo, o incumbente George W. Bush tinha uma taxa de aprovação de cerca de 90%, enquanto que no ano seguinte, em agosto de 1992, a opinião negativa sobre o seu desempenho já ascendia a 64%.

No momento em que escrevo estas linhas, surgiu a notícia do alerta que o Conselho de Finanças Públicas para o desvio nas contas públicas e para o otimismo no cenário económico do Governo para 2026.

Considero-me um otimista por natureza, mas nestas coisas da economia, aconselha-se sempre alguma prudência. Nos cenários macroeconómicos, como nos outras áreas da economia e gestão, são sempre traçados cenários prováveis, otimistas e pessimistas, sendo, obviamente, os prováveis como

## É A ECONOMIA, ESTÚPIDO!

intermédios entre os que em que tudo corre bem (otimistas) e os em que tudo corre mal (pessimistas), mas todos com intervalos de confiança bem mensuráveis e ponderados.

Em primeiro lugar, importa esclarecer o que faz o Conselho de Finanças Públicas (CFP). O CFP é a instituição orçamental independente que fiscaliza o cumprimento das regras orçamentais e a sustentabilidade das finanças públicas em Portugal, previstas na legislação comunitária. O CFP é um dos conselhos orçamentais europeus, também designados por “fiscal watchdogs” (vigilantes orçamentais).

O Conselho de Finanças Públicas conclui, no parecer que acompanha o relatório anual de progresso sobre a execução do plano orçamental de médio prazo, enviado pelo Governo no passado dia 30 de abril, a Bruxelas e ao Parlamento, que as projeções do Governo para um crescimento económico em 2026 de 2% estão “acima de todas as previsões pontuais consideradas” e “no limite superior do intervalo de confiança”, o que se traduz, de acordo com o CFP num “enviesamento em alta”, com implicações diretas na credibilidade das projeções orçamentais.

Segundo o Governo, o crescimento da economia é sobretudo sustentado pelo investimento, que deverá crescer cerca de 5,6% (motivado essencialmente pela componente pública) e, em menor grau, pela recuperação moderada das exportações. Aqui, parece-me subsistirem dúvidas se as exportações poderão recuperar durante este ano, depois de existirem tantas empresas exportadoras afetadas pelas intempéries que assolaram o nosso país.

O CFP considera que a projeção do Governo está “substancialmente acima da média das instituições de referência” e fora dos intervalos considerados como mais plausíveis. Já que no diz respeito ao investimento público, o crescimento nominal deverá situar-se nos 55%, “o valor mais elevado desde 2000” a verificar-se, mas tem como pressuposto a execução integral do PRR, o que é considerado pelo CFP como “exigente”.

Quanto aos preços, o Governo projeta uma inflação de 2,5%

no corrente ano. Na opinião do Conselho de Finanças Públicas, “existe elevada probabilidade de uma evolução superior à apresentada” destacando, para isso, o impacto do aumento dos preços da energia e os seus efeitos indiretos sobre os preços alimentares e a inflação subjacente.

Já o consumo privado deverá crescer apenas 1,8% e, segundo o CFP, “o menor dinamismo do consumo privado reflete a expectativa de um crescimento inferior do rendimento disponível das famílias”, ao contrário do que referiu o Primeiro-Ministro no início do mês de abril quando realçou os aumentos dos rendimentos de trabalhadores e pensionistas, “esquecendo-se” do brutal crescimento nos preços que temos assistido, especialmente nos últimos tempos. Mas para isso, Montenegro e boa parte da classe política deveriam tomar um “banho de realidade” e saber o que custa aos portugueses abastecer as despensas e os frigoríficos.

Bem, mas para não continuar a tergiversar, como fazem os membros deste Governo, o Conselho de Finanças Públicas refere ainda que este perfil de crescimento torna o cenário mais dependente de variáveis instáveis, como a execução de fundos europeus ou a evolução da procura externa, o que, conseqüentemente, aumenta a exposição a riscos.

No balanço final, o CFP considera que o cenário macroeconómico do Governo é tecnicamente consistente, mas assente em pressupostos exigentes e com riscos predominantemente descendentes.

Além desta notícia, soube-se também no dia em que se escrevem estas linhas, que a dívida pública no primeiro trimestre subiu para 91% do Produto Interno Bruto (PIB) acima dos 89,7% registados no final de 2025.

Em conclusão, o estado da economia em Portugal não é brilhante, nem pouco mais ou menos. As perspetivas também não. Os portugueses sentem isso cada vez mais nas suas carteiras. Mas na ótica do Governo tudo está bem, estamos bem melhores e vamos melhorar ainda mais. Só que não.



**À PARTE**  
**LEVI MARTINS**  
DIRETOR DA COMPANHIA  
MASCARENHAS-MARTINS

## DAVID CONTRA GOLIAS

quando reúne determinadas condições, entre as quais a existência de espaços culturais. O trabalho que é feito na área da cultura, no entanto, nem sempre é valorizado, pela falta de consciência de como a mesma é fundamental para um território ter uma identidade e, também, a capacidade de se questionar e colocar em causa. Acreditamos na pluralidade de oferta como base salutar do ecossistema cultural, o que significa, naturalmente, defender as espécies minoritárias ou em vias de extinção. As actividades de entretenimento estão por todo o lado e não precisam de estímulo, adaptam-se para continuar a existir pois vivem da adequação da oferta à procura, tantas vezes com um trabalho persistente no condicionamento da procura (por exemplo através do uso de algoritmos que nos devolvem opções a partir do estudo do nosso consumo). O ecossistema cultural tem actualmente uma

aparência de diversidade, muitas vezes gerada pela quantidade de oferta, eliminando qualquer tipo de possibilidade de discussão sobre a natureza do que é disponibilizado e programado. É uma tendência, digamos, predatória: o que é maior e mais forte impõe-se no território e cria uma hegemonia cultural. E nós, que estamos na posição de David contra Goliath, vamos tentando combatê-la com aquilo de que dispomos, que é incomparável em termos de escala e de poder.

As actividades de mediação cultural em que apostamos são uma das formas que encontramos para travar esta batalha desigual. Constituem uma defesa consciente do que é frágil e delicado, nomeadamente a relação entre a maioria da população e a criação artística verdadeiramente livre, a que foge às regras do mercado – que, por exemplo no que diz respeito à narrativa, são implacáveis e deixam

de fora tudo o que não obedece a padrões completamente tipificados para tentar captar e reter a atenção do espectador. É uma defesa do singular, por vezes estranho, desconfortável, ou mesmo aparentemente incompreensível. As experiências singulares, que só surgem do contacto com obras em que os artistas se implicam para lá de quaisquer fórmulas testadas ou estudos de mercado, são as que mais nos abrem mundos para lá deste mundo. São as que expandem a nossa existência, propondo-nos o acesso a formas de ver e de expressar pensamentos e emoções a que, de outro modo, não teríamos acesso. A possibilidade de existirem expressões deste tipo, que não garantem resultados imediatos, continua a ser a nossa principal missão. E é por isso que sabemos que, para lá de programar e criar, precisamos de dar a conhecer o que aqui fazemos todos os dias. Ossos do ofício.

**DIGITAL**

# sem mais

A nova rede das regiões de Setúbal e Alentejo.

TUDO EM

## semmais.pt

**Informação segura e confirmada.**

**24 HORAS POR DIA**

PUBLICIDADE

# Dona ERMELINDA

FAZ PARTE DA SUA VIDA

TRADIÇÃO E  
EXCELÊNCIA,  
EM TODOS OS  
MOMENTOS.

Vinho tinto rico em frutos vermelhos bem maduros, bem harmonizado com a mdeira. Final de boca cheio, complexo, longo e agradável.

*Red wine rich in very ripe red fruits well combined with the wood. Full, complex, long and pleasant aftertaste.*



WWW.ERMELINDAFREITAS.PT



SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.



WINE MODERATION  
EST. 1920